

A presença da oralidade na literatura: estudo de crônicas de Luís Fernando Veríssimo

Ana Maria Urquiza de Oliveira

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2019.36/pp.85-102>

Resumo

Através de análises às crônicas de Luís Fernando Veríssimo, este trabalho visa discutir a relação entre língua falada e língua escrita, mostrando e valorizando suas semelhanças e particularidades, defendendo uma relação não mais dicotômica (Marschuschi, 2001); com o intuito de estudar as marcas da oralidade na escrita presente na literatura com referencial em Luiz Antônio (2009), Dino Preti (2004) e Hudinilson Urbano (2000). Observar-se-á os diálogos construídos que dão maior sustentáculo à representação da realidade aos textos literários.

Palavras-chave: diálogo construído; gênero discursivo; oralidade na literatura.

Abstract

Through analyzes to the chronicles of Luis Fernando Veríssimo, this work aims to discuss the relationship between spoken and written language, showing and valuing their similarities and particularities, defending a no more dichotomous relationship; with the intention of studying the marks of orality in writing present in the literature, we will observe the dialogues constructed that give greater support to the representation of reality to the literary texts.

Keywords: built dialogue; discursive genre; orality in the literature.

1. Introdução

Este trabalho tem o objetivo de analisar as marcas de oralidade na escrita em textos literários, especificamente nos diálogos construídos presentes em crônicas de Luís Fernando Veríssimo. No presente estudo, pode-se observar que narradores e personagens tomam o lugar de falantes reais, reproduzindo natural ou intencionalmente, a realidade linguística.

O corpus analisado é constituído de crônicas extraídas dos livros “O Nariz & outras crônicas” publicado em 1998 pela editora Ática; “Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas”, editora L&PM: Porto Alegre (1994) e “Comédias para se ler na escola”, Rio de Janeiro: Objetiva (2001). Os textos que compõem a antologia de “O Nariz & outras crônicas” foram extraídos de outras obras como consta nas referências. São 30 crônicas, distribuídas em 87 páginas. Na página 91 constam as informações sobre as fontes das crônicas, a página 92 contém uma biografia do autor e na página 95 está a lista de obras já publicadas de Luís Fernando Veríssimo. Em “Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas” a crônica analisada é “Cantada”; em “Comédias para se ler na escola”, “Siglas” foi

a escolhida da obra. A base teórica a que se fundamenta o trabalho é a da análise da relação língua falada e língua escrita, segundo estudos feitos por Marcuschi, Oesterreicher, Luiz Antônio, Dino Preti e Hudinilson Urbano.

2. Base Teórica

Com base no que defendem os autores Luiz Antônio (2009), Dino Preti (2004) e Hudinilson Urbano (2000), deve-se valorizar os estudos da oralidade na escrita com o intuito de analisar a presença daquela nos textos literários como suporte à efetiva realização desta, em especial, na necessidade de suprir a falta de documentação gravada. Portanto, partindo-se de uma relação não mais dicotômica entre fala e escrita (Marcuschi, 2001), pretende-se mostrar em consonância aos autores, as semelhanças e particularidades das línguas falada e escrita. Hudinilson Urbano (1982, p. 111), ao discorrer sobre o tema, cita um trecho de Akinaso: “Elas são estruturalmente diferentes porque diferem quanto ao modo de aquisição; método de produção, transmissão e recepção e nas formas em que os elementos de estrutura são organizados.” E: “A fala é normalmente adquirida naturalmente sem instruções formais (em família, parques, ruas, etc.) enquanto a escrita tem de ser conscientemente apreendida, geralmente na escola.” E ainda Carvalho (1970, p. 309) “Escrever é também falar e o ‘ato em que se escreve é também um ato de fala, embora quase sempre silencioso’, o que há são textos fixados por escrito ou não.”

A perspectiva teórica em que se sustenta este trabalho faz um estudo da relação língua falada e língua escrita, uma vez que o objetivo primeiro é observar a presença de uma modalidade na outra em análises a textos literários de Luís Fernando Veríssimo no gênero crônica. Conforme os autores que embasam o trabalho, destacamos que, como a escrita literária é a representação da realidade, subtende-se a presença certa de traços da oralidade nestes textos escritos, já que o autor leva ao leitor a ilusão de uma realidade.

Do ponto de vista dessa relação língua falada e língua escrita, a língua falada traz características próprias, tais quais: não planejamento, caráter emergente, criação em execução única; enquanto a língua escrita apresenta-se como planejada, com ausência física do interlocutor e a substituição do canal sonoro pelo visual, dentre outras. No que concerne à interação, Marcuschi (1985, p. 21) defende que na fala ela se dá de forma concreta; na escrita, de forma abstrata. Há ainda na fala o envolvimento (eu acho, eu penso, hesitações, repetições), enquanto na escrita há um distanciamento deste, não há marcas explícitas dele devido a um distanciamento pessoal do escritor. O tempo em que o autor escreve difere do tempo em que o leitor se depara com o texto e esse detalhe faz toda a diferença.

Tendo como objetivo principal analisar a presença da oralidade na escrita em crônicas de Luís Fernando Veríssimo, deve-se reportar a algumas de muitas características, ressaltando então as que dizem respeito ao foco de estudo. Em face disso, pode-se dizer que a língua falada, pensada em uma conversação espontânea, apresenta-se na superficialidade do texto, fonética, morfossintática, sintática e lexicalmente bem diferenciada em relação à escrita, dependendo inclusive, de em que tipo de texto ela estará inserida. Dino Preti (2004) ressalta: “A língua falada tem gramática, sintaxe e vocabulário próprios.”

3. Um pouco de história

Ao longo da história da literatura, os autores, em missão de mostrar, representar a realidade tal qual ela se apresenta, foram e são influenciados pelos traços da oralidade transcrevendo-os em seus textos as variações sociais ou psicológicas de suas personagens por meio da linguagem. Ora, assim sendo, o texto literário fica mais próximo da realidade a tal ponto que o leitor pensa, às vezes, está diante de um acontecimento real e não de uma leitura apenas. Veja-se o que diz Dino Preti (1984a, 1997a, 1997b): “Se pensarmos nos diálogos literários, a reprodução da fala, em muitos escritores, certamente, aproxima-se do uso linguístico de sua época, não só na literatura atual, mas também em outros tempos.”

Levando em consideração a presença da oralidade na escrita, faz-se necessário acompanhar um pouco de história para melhor entendimento da relação e da importância de uma nova relação fala e escrita. Já em 2007, Areta Lara (2007, p. 317) alerta para que as atenções se voltem ao fato de que: “A oralidade é a forma primeira e natural da linguagem e domina o cotidiano das pessoas, embora boa parte da linguística da segunda metade do século XX dedicou especial atenção à escrita e não à linguagem oral.”

No Brasil, a partir do início da década de 80, com as contribuições da Sociolinguística e da Análise da Conversação, esse quadro muda significativamente. Surgem pensamentos sobre a insuficiência de uma distinção rígida entre escrita e fala e sobre a existência de posições intermediárias ou de certa continuidade entre os pontos extremos em que se caracterizam idealmente língua falada e língua escrita. Hilgert em um ensaio sobre a conversação na internet, ressalta que: “Fala e escrita não se referem a tipos de textos dicotomicamente antagônicos, pois identificam gêneros de textos configurados por um conjunto de traços que os leva a serem concebidos como textos falados ou escritos em maior ou menor grau.” (Hilgert, 2009, p. 152)

3.1. *Oralidade e escrituralidade*

De acordo com Marcuschi (2001), fundamentado nos textos do teórico alemão Wulf Oesterreicher, as relações entre fala e escrita são vistas como um *continuum*. Ele faz a denominação entre o que chama de extremo da oralidade representando o gênero prototípico da fala e extremo da escrituralidade, representado como gênero prototípico da escrita. O autor exemplifica: um discurso acadêmico, embora seja um texto falado do ponto de vista de sua realização fônica é, conceitualmente, um texto escrito. Já uma carta pessoal para um amigo íntimo, ainda que se realize por escrito, aproxima-se, conceitualmente de um texto falado.

Urbano (2006) defende que um texto pode estar situado no campo da *imediatez comunicativa* ou da *distância comunicativa*:

Para nós, imediatez se refere à comunicação imediata no tempo e no espaço, ao passo que a distância compreende a comunicação, cuja recepção é independente do momento e do lugar de sua produção. A imediatez representa, pois, uma comunicação imediata, face a face e em tempo real. Por outro lado, podemos interpretar, mais ou menos com Marcuschi, que imediatez de um lado e distância do outro, têm certa equivalência com envolvimento versus distanciamento, conceitos tidos como fatores centrais no esquema de Oesterreicher, segundo Marcuschi. (Urbano, 2006, p. 36)

3.1.1. *Exemplos da relação imediatez e distância comunicativa*

Imediatez comunicativa	Distância comunicativa
Conversação face a face	código jurídico
Conversa família	conferência universitária

Ao fazer considerações sobre a oralidade na escrita, Bustos Tovar (1997, p.8), baseado em Oesterreicher, argumenta que oralidade e escrituralidade não são termos antagônicos, embora apresentem dois extremos de gradação, ou seja, o da *escrituralidade pura* que seria a emissão, recepção e organização textual correspondente à máxima distância comunicativa e meio gráfico e o da *oralidade pura* com sua imediatez comunicativa e meio gráfico. É, pois, de bom proveito enfatizar que, na conversação face a face, não se marcam as mudanças de turno de forma concreta e linguística, o que se faz é marcá-las com elementos tonais ou gestuais. Nos diálogos construídos, observa-se uma aparente liberdade dos personagens ao se expressarem em suas conversações, porém, isso é o planejamento do escritor para obter um valor comunicativo que vá além do próprio diálogo.

Sustentando o que foi exposto até aqui, observe-se o que Urbano escreve a respeito da relação língua falada prototípica e língua escrita prototípica:

A ‘língua falada prototípica’, a língua falada propriamente dita, seria então uma atividade social verbal de produção de texto. É exercida oralmente, graças a um sistema de sons articuláveis, no termo real, em contextos naturais de produção, incluídos outros elementos de natureza corporal, que preenchem, em teoria, ‘todas as condições linguístico-textual-discursivas’ concebidas para um texto falado. Em outras palavras, possui, do ponto de vista medial, caráter fônico, e do ponto de vista concepcional, as condições de comunicação, que vão permitir as ‘estratégias de formulação’ e imprimir as ‘marcas de verbalização’ ideais de um texto essencialmente falado. (Urbano, 2006, pp. 42-43)

A ‘língua escrita prototípica’, a língua escrita propriamente dita, seria uma atividade social verbal de produção de texto. É executada graficamente, graças, basicamente, a um sistema de letras articuláveis, chamado alfabeto, complementado por sinais de pontuação, de acentuação, numéricos, etc., que preenchem, em teoria, ‘todas as condições linguístico-textual-discursivas’ concebidas para um texto escrito. Em outras palavras, possui, do ponto de vista medial, caráter gráfico e do ponto de vista concepcional, as condições de comunicação, que vão permitir as ‘estratégias de formulação’ e imprimir as ‘marcas de verbalização’ ideais de um texto essencialmente escrito. (Urbano, 2006, p. 42)

4. As marcas de oralidade em diálogos construídos

Com fundamentos de Oesterreicher (1996), Briz Gómez e Serra Alegre (1997), Bustos Tovar (1997), Briz Gómez (1998), Barros (2000), Hilgert (2000), Marcuschi (2001) e Urbano (2000 e 2006), apresentamos as características próprias da oralidade que se fazem presentes nos diálogos construídos nos textos de nosso corpus, as crônicas “Na fila” e “Peça infantil”, de Luís Fernando Veríssimo em *O Nariz & outras crônicas vol. 14 da série Para gostar de ler*, ed. Ática, 7.^a ed., 1998:

4.1. Interação face a face entre interlocutores que partilham de um mínimo de conhecimentos comuns

Os diálogos construídos analisados apresentam esta característica, pois há interação entre os participantes em “Na fila” e “Peça infantil”. Luís Fernando Veríssimo mostra a interação entre os interactantes quando presentes numa fila, pessoas de diferentes níveis culturais mantêm uma conversação sem o monopólio dos papéis conversacionais.

Exemplo 1

– Olha o furo!

– Me diga uma coisa. Quer dizer que o Dom Pedro Segundo era na verdade Dom Pedro Quinto?

– Em Portugal, seria. Não empurre. Segundo aqui e Quinto em Portugal.

“Na fila”, p. 20

4.2. Distribuição de turno não pré-determinada (interrupções e assaltos ao turno – quebra de turno, quebra de tópico)

Os chamados diálogos construídos assemelham-se a conversações face a face e espontâneas. Pode-se observar, por exemplo, a existência de exemplos claros no corpus em análise, saliente-se o objetivo do escritor em representar a realidade. No exemplo a seguir, os interlocutores, presentes numa fila, talvez não se conheçam, mas mantêm uma interação, mostram partilhar de mesmos níveis de conhecimento. Quando um locutor diz se tratar de um caixão, o interlocutor o corrige especificando o caixão, ou seja, não é um caixão qualquer.

Exemplo 2

- Tanta pressa só pra ver um caixão.
- Um caixão, não: o caixão de D. Pedro.
- “Na fila”, p. 19

Aqui, observamos uma quebra de turno e de tópico quando um locutor até então ausente, toma a palavra em meio a fala do locutor em turno e aí a sua fala não dá continuidade ao turno até então em voga.

Exemplo 3

- A gente acredita, ora. Já se acredita em tanta coisa que o Go...
- Com licença, é aqui a inauguração do D. Pedro II?
- “Na fila”, p. 19

Neste outro exemplo, o locutor fala de uma coisa e o interlocutor entende outra. Há duas possibilidades: ele pode ter mudado o tópico com o intuito de prosseguir o diálogo com um novo tópico ou realmente ele não entendeu a colocação do outro.

Exemplo 4

- Ouvi dizer que ele não serviu para nada.
- Como, para nada? E o grito? E a Independência?
- Não, o viaduto.
- Ah, não sei. Mas é bonito...
- “Na fila”, p. 19

Em Peça infantil, observa-se que a criança, desconhecadora das regras de conversação, é claro, desenvolve uma mudança de tópico com o objetivo de fugir à responsabilidade dada pela professora ou talvez estivesse mesmo com dor de barriga, ainda assim, fez uma quebra de tópico.

Exemplo 5

- Você, sim senhor. Você é o sol. Você sabe a fala da Lua?
- Me deu uma dor de barriga.
- “Peça infantil”, p. 14

4.3. Presença de pares adjacentes para iniciar, fomentar ou encerrar o tópico: co-construção

Quando as pessoas interagem, há um entrosamento entre o que dialogam a ponto de um locutor iniciar seu turno com expressões do tópico do locutor anterior.

Exemplo 6

- Aquela festa que fizeram o outro dia, com o Triches, os Golden Boys e a Rosemary, para quem era?
- Para Tiradentes.
- “Na fila”, p. 20

Exemplo 7

- Como era o nome do conde?
- Farci D’Amieu.
- “Cantada”, p. 62

As características próprias da escrituralidade distinguem-se das da oralidade, no exemplo abaixo o escritor tem a necessidade de caracterizar a personagem e o ambiente, o cenário. Não se tratasse de um texto escrito, tais recursos seriam desnecessários, pois a existência de recursos próprios da fala, o substituiriam como os recursos prosódicos.

Exemplo 8

- A camponesa gorda resolve tomar a justiça nas mãos e dá um croque num pirata. A classe é unida e avança contra a camponesa, que recua, derrubando uma árvore.
- “Peça infantil”, p. 14

Exemplo 9

- Lavradores daquele lado, árvores atrás. Árvore, tira o dedo do nariz. Onde é que estão as fadinhas?
- “Peça infantil”, p.14

4.4. Presença de repetições e correções

Como o processo de produção e planejamento são realizados lado a lado no discurso, o locutor comete deslizos, equívocos e, naturalmente, faz a autocorreção. O escritor destaca esta característica quando o personagem diz: Agora eu é que estou confuso.

4.4.1. Autocorreção

Exemplo 10

- Afinal, o mártir da independência Luso-Brasileira quem é?
- É D. Pedro II. Aliás, primeiro. Que primeiro, é Tiradentes.
- Agora eu é que estou confuso
- “Na fila”, p. 20

4.4.2. Heterocorreção

Quando o locutor corrige o interlocutor e, nesse caso, faz uso ou repetição do que foi por ele falado para em seguida fazer a correção:

Exemplo 11

- Com licença, é aqui a inauguração do D. Pedro II?
 - Meu filho, duas coisas. Primeiro: não é segundo, é primeiro.
 - E segundo: a inauguração do viaduto foi ontem.
 - Esta fila é para ver o caixão do D. Pedro.
- “Na fila”, p. 19

Em “Peça infantil”, o detalhe para a fala da criança que corrige a professora defendendo que o seu nome era aquele pronunciado por ela anteriormente, portanto ela deveria estar inclusa no grupo.

Exemplo 12

- Atenção, margaridas! Todas ali. Você não. Você é coelhinho.
 - Mas o meu nome é Margarida.
 - Não interessa! Desculpe, a tia não quis gritar com você...
- “Peça infantil”, p. 11

O interlocutor entende a palavra tchau como uma sigla, já que o assunto era esse, porém seu interlocutor o corrige mostrando ser mesmo o de despedida.

Exemplo 13

- TCHAU.
 - Hum, boa. Trabalho e Capital em Harmonia com Amor e União?
 - Não, é tchau mesmo.
- “Siglas”, p. 137

4.5. Uso de marcadores conversacionais

Eis alguns marcadores conversacionais presentes no corpus:

Exemplo 14

- quer dizer no caixão. Está claro? E eu acho...
 - Quero ver o caixão, ué! Essa badalação toda!...
- “Na fila”, p. 20

Exemplo 15

- Ai, meu Deus. Sol, você vai ter que falar pela Lua.
- Sol, está me ouvindo? “Peça infantil”, p. 12

Exemplo 16

- Bom, eu diria que estamos entre a centro-esquerda e a centro-direita.
 - Hum,boa.
- “Siglas”, p.136

4.6. Titubeio de memória e imprecisão terminológica

A oralidade tem traços de simultaneidade, já que é planejada e produzida, executada concomitantemente. No exemplo, observa-se que o locutor devido à rapidez do discurso oral, titubeia quanto à informação dada, mostrando desconhecer a informação exata, precisa.

Exemplo 17

– Não teria nada para ver. Só osso. Ele morreu há... Nem sei. Mais de cem anos.
“Na fila”, p. 20

Exemplo 18

Quem nos apresentou foi o barão... o barão... como é mesmo o nome dele?
“Cantada”, p. 61

4.7. Verbos de comunicação reveladores da imediatez comunicativa

Os verbos abaixo mostram claramente tratar-se de ações executadas no momento da fala, tanto o que expressa a fala da personagem, como também o que representa a fala do narrador:

Exemplo 19

– Borboletas, ajudem aqui – pede a professora.
– “Peça infantil”, p. 12

4.8. Emprego do registro coloquial

A linguagem espontânea, não planejada, informal própria da oralidade parece ir de encontro aos termos do registro coloquial e uma característica presente no exemplo é a chamada frase feita por ser bastante utilizada por certos grupos.

Exemplo 20

– Olha a fila! Vamos andar, gente. Pra frente, Brasil!
“Na fila”, p. 20

Exemplo 21

– Bota aí. Siglas, p. 136

4.9. Pergunta retórica

O falante não quer que um de seus interlocutores respondam à pergunta, pois ele sabe exatamente a resposta, aqui ela também é usada para provocar o riso.

Exemplo 22

– Alguém aí é trabalhista?
“Siglas”, p.136

5. Conclusão

Este estudo tem demonstrado, tendo como sustentáculo os referenciais teóricos e o próprio corpus em análise, que a presença da oralidade na escrita sempre existiu e permanecerá em nossos textos literários enriquecendo a qualidade dos mesmos por darem maior semelhança da realidade nas representações da vida. Com características semelhantes e particulares de cada uma, pode-se sustentar que ambas – língua falada e língua escrita, andam lado a lado no processo de comunicação nas conversações sejam elas faladas ou escritas. As análises feitas com o corpus provam e reafirmam a certeza de que a presença da oralidade em textos escritos é utilizada pelos escritores com o objetivo de, por se tratar de uma representação da realidade, aproximar o leitor da ilusão de está presente no desenrolar dos fatos, dos diálogos, tamanha a utilização de traços orais presentes nos diálogos construídos.

Referências

- Bechara, E. (2001). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 37.ª edição.
- Cunha, C. (2009). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Hilgert, G. (2000). A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na internet. In Dino Preti (Org.). *Fala e escrita em questão* (p. 17-55). São Paulo: Humanitas,.
- Marcuschi, L. A. (1986). *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.
- Marcuschi, L. A. (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.
- Preti, D. (2004). *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Silva, L. A. (2009). Oralidade em contos. In Dino Preti. *Oralidade em textos escritos* (p. 151-187). São Paulo: Humanitas.
- Urbano, H. (2000). *Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez.
- Urbano, H. (2006). Usos da linguagem verbal. In Dino Preti (Org.). *Oralidade em diferentes discursos* (p. 19-55). São Paulo: Humanitas.
- Veríssimo, L. F. (1998). O Nariz & outras crônicas. São Paulo: Ática.
- Veríssimo, L. F. (1994). *Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas*. Porto Alegre: L & PM.
- Veríssimo, L. F. (2001). *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Data receção: 06/07/2018

Data aprovação: 24/10/2019

Anexo A

Crônica “Na fila” de Luís Fernando Veríssimo, O Nariz & outras crônicas. São Paulo: Ática, 1998.

- Olha a fila! Olha a fila! Tem gente furando aí.
- Tanta pressa só pra ver um caixão...
- Um caixão, não: o caixão do dom Pedro.
- Como é que eu sei que é o Dom Pedro mesmo que está lá dentro?
- A gente tem que acreditar, ora. Já se acredita em tanta coisa que o Go...
- Com licença, é aqui a inauguração do Dom Pedro Segundo?
- Meu filho, duas coisas. Primeiro: não é segundo, é primeiro. E segundo: a inauguração do viaduto foi ontem. Esta fila é para ver o caixão do Dom Pedro.
- Eles inauguraram o viaduto primeiro?
- Como, primeiro?
- Primeiro inauguraram o viaduto e depois chegou o Dom Pedro Segundo?
- Segundo, não, primeiro.
- Primeiro o quê?
- O Dom Pedro! Dom Pedro Primeiro!
- Primeiro chegou o Dom Pedro e depois inauguraram o viaduto?
- Olha a fila!
- Primeiro inauguraram o viaduto Dom Pedro Primeiro e, segundo, chegou o Dom Pedro Primeiro em pessoa. Quer dizer, no caixão. Está claro? E eu acho que o senhor está puxando conversa para pegar lugar na fila. Não pode não. Eu cheguei primeiro.
- Ouvi dizer que ele não serviu para nada.
- Como, para nada? E o grito? E a Independência?
- Não, o viaduto.
- Ah, não sei. Mas é bonito. Como esse negócio todo, o caixão, os restos do Imperador, as bandeiras, Brasil e Portugal irmanados, essas coisas simbólicas e tal. Eu acho bacana.
- Olha a fila! Vamos andar, gente. Pra frente, Brasil.
- Andam dizendo que os portugueses nos enganaram, que quem está no caixão não é o Dom Pedro Primeiro mas o Dom Pedro Quarto. Nos lograram em três.
- Mas é a mesma coisa! Dom Pedro era Primeiro aqui e Quarto em Portugal.
- Então eu não compreendo por que ele quis voltar para lá... Aqui tinha mais prestígio.
- Olha o furo!
- Me diga uma coisa. Quer dizer que o Dom Pedro Segundo era na verdade Dom Pedro Quinto?
- Em Portugal, seria. Não empurre. Segundo aqui e Quinto em Portugal.
- Tem alguma coisa que ver com a diferença de horário, é?
- Não, minha senhora. Francamente. Se a senhora entende tão pouco de História, o que está fazendo nesta fila?
- Quero ver o caixão, ué! Essa badalação toda! E eu sempre gostei de velório. Só não me conformo de eles não abrirem o caixão pra gente ver a cara do moço.
- Não teria nada para ver. Só osso. Ele morreu há... Nem sei. Mais de cem anos. Faz mais de cem anos que o Dom Pedro foi enforcado?!
- O senhor está confundindo com o Tiradentes.

- Olha a fila!
- Afinal, o Mártir da Independência Luso-Brasileira quem é?
- É Dom Pedro Segundo. Aliás, primeiro. Que Primeiro, é Tiradentes! Agora eu é que estou confuso. Essa fila não anda!
- Aquela festa que fizeram o outro dia, com o Triches, os Golden Boys e a Rosemary, para quem era?
- Para Tiradentes.
- Mas Tiradentes não era contra os portugueses?
- Era, mas faz muito tempo. Hoje Brasil e Portugal são uma coisa só. Eles podem até votar aqui.
- Para governador, presidente, essas coisa?
- Mais ou menos. É tudo simbólico, compreende?
- Como o viaduto?
- Isso. Olha a fila!

Anexo B

Crônica “Peça infantil” de Luís Fernando Veríssimo, O Nariz & outras crônicas. São Paulo: Ática, 1998.

A professora começa a se arrepender de ter concordado (“Você é a única que tem temperamento para isto”) em dirigir a peça quando uma das fadinhas anuncia que quer fazer xixi. É como um sinal. Todas as fadinhas decidem que precisam, urgentemente, fazer xixi.

- Está bem, mas só as fadinhas – diz a professora. – e uma de cada vez!
- Mas as fadinhas vão em bando para o banheiro.
- Uma de cada vez! Uma de cada vez! E você, onde é que pensa que vai?
- Ao banheiro.
- Não vai não.
- Mas tia...
- Em primeiro lugar, o banheiro já está cheio. Em segundo lugar você não é fadinha, é caçador. Volte para o seu lugar.

Um pirata chega atrasado e com a notícia de que sua mãe não conseguiu terminar a capa. Serve uma toalha?

- Não. Você vai ser o único de capa branca. É melhor tirar o tapa-olho e ficar de anão. Vai ser um pouco engraçado, oito anões, mas tudo bem. Por que você está chorando?
- Eu não quero ser anão.
- Então fica de lavrador.
- Posso ficar com o tapa-olho?
- Pode. Um lavrador de tapa-olho. Tudo bem.
- Tia, onde é que eu fico?
- É uma margarida.
- Você fica ali.
- A professora se dá conta de que as margaridas estão desorganizadas.
- Atenção, margaridas! Todas ali. Você não. Você é o coelhinho.
- Mas o meu nome é Margarida.
- Não interessa! Desculpe, a tia não quis gritar com você. Atenção coelhinhos. Todos comigo. Margaridas ali, coelhinhos aqui.

Lavradores daquele lado, árvores atrás. Árvore, tira o dedo do nariz. Onde é que estão as fadinhas? Que xixi mais demorado.

– Eu vou chamar.

– Fique onde está, lavrador. Uma das margaridas vai chamá-las.

– Já vou.

– Você não, Margarida! Você é coelhinho. Uma das margaridas. Você. Vá chamar as fadinhas. Piratas, fiquem quietos.

– Tia, o que é que eu sou? Eu esqueci o que eu sou.

– Você é o Sol. Fica ali que depois a tia... Piratas, por favor! As fadinhas começam a voltar. Com problemas. Muitas se enredaram nos seus véus e não conseguem arrumá-los. Ajudam-se mutuamente, mas no seu nervosismo só pioram a confusão.

– Borboletas, ajudem aqui – pede a professora.

Mas as borboletas não ouvem. As borboletas estão etéreas. As borboletas fazem poses, fazem esvoaçar seus próprios véus e não ligam para o mundo. A professora, com a ajuda de um coelhinho amigo, de uma árvore e de um camponês, desembaraça os véus das fadinhas.

– Piratas, parem. O próximo que der um pontapé vai ser anão.

Desastre: quebrou uma ponta da lua.

– Como é que você conseguiu isso? – pergunta a professora sorrindo, sentindo que o seu sorriso deve parecer demente.

– Foi ela!

A acusada é uma camponesa gorda que gosta de distribuir tapas entre os seus inferiores.

– Não tem remédio. Tira isso da cabeça e fica com os anões.

– E a minha frase?

A professora tinha esquecido. A Lua tem uma fala.

– Quem diz a frase da lua é, deixa eu ver... O relógio.

– Quem?

– O relógio. Cadê o relógio?

– Ele não veio.

– O quê?

– Está com caxumba.

– Ai, meu deus. Sol, você vai ter que falar pela lua. Sol, está me ouvindo?

– Eu?

– Você, sim senhor. Você é o Sol. Você sabe a fala da Lua?

– Me deu uma dor de barriga.

– Essa não é a frase da Lua.

– Me deu mesmo, tia. Tenho que ir embora.

– Está bem, está bem. Quem diz a frase da Lua é você.

– Mas eu sou caçador.

– Eu sei que você é caçador! Mas diz a frase da Lua! E não quero discussão!

– Mas eu não sei a frase da Lua.

– Piratas, parem!

– Piratas, parem. Certo.

– Eu não estava falando com você. Piratas, de uma vez por todas... A camponesa gorda resolve tomar a justiça nas mãos e dá um croque num Pirata. A classe é unida e avança contra a camponesa, que recua, derrubando uma árvore. As borboletas esvoaçam. Os coelhinho estão em polvorosa. A professora grita:

– Parem! Parem! A cortina vai abrir. Todos a seus lugares. Vai começar!

– Mas, tia, e a frase da Lua?

– “Boa noite, Sol.”

– Boa noite.

– Eu não estou falando com você!

– Eu não sou mais o Sol?

– É. Mas eu estava dizendo a frase da Lua. “Boa noite, Sol.”

– Boa noite, Sol. Boa noite, Sol. Não vou esquecer. Boa noite, Sol...

– Atenção, todo mundo! Piratas e anões nos bastidores. Quem fizer um barulho antes de entrar em cena, eu esgoelo. Coelhinhos nos seus lugares. Árvores para trás. Fadinhas, aqui. Borboletas, esperem a deixa. Margaridas, no chão.

Todos se preparam.

– Você não, Margarida! Você é coelhinho!

Abre o pano.

Anexo C

Crônica “Cantada” de Luís Fernando Veríssimo em Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas. Porto Alegre: L & PM: 1994, págs. 61 – 64.

– Eu sei que você vai rir, mas...

– Sim?

– Por favor, não pense que é paquera.

– Não penso, não. Pode falar.

– Eu não conheço você de algum lugar?

– Pode ser...

– Nice. 1971. Saguão do Hotel Negresco. Promenade des Anglais. Quem nos apresentou foi o barão... o barão... Como é mesmo o nome dele?

– Não, não. Em 71 eu não estive em Nice.

– Pode ter sido 77. Estou quente?

– Que mês?

– Abril?

– Não.

– Agosto?

– Agosto? No forte da estação? Deus me livre.

– Claro. Eu também nunca estive em Nice em agosto. Onde é que eu estou com a cabeça?

– Não terá sido em Portofino?

– Quando?

– Outubro, 72. Eu era convidada no iate do comendador... comendador...

– Petrinelli.

– Não. Ele era comprido e branco.

– O comendador?

- Não, o iate. Tenho uma vaga lembrança de ter visto o seu rosto...
- Impossível. Há anos que eu não vou a Portofino. Desde que perdi tudo que tinha no cassino há... Meu Deus, sete anos!
- Mas, que eu saiba, Portofino não tem cassino.
- Era um cassino clandestino na casa de verão do conde... do conde...
- Ah, sim, eu ouvi falar.
- Como era o nome do Conde?
- Farci D' Amieu.
- Esse.
- Você perdeu tudo no jogo?
- Tudo. Minha salvação foi uma bilionária boliviana que me adotou. Vivi durante um mês à custa do trabalho escravo nas minas de estanho. Que remorso. O caviar não passava na garganta. Felizmente minha família mandou dinheiro. Fui salvo do inferno pelo Banco do Brasil.
- Bom, se não foi em Portofino, então...
- Nova Iorque! Tenho certeza de que foi Nova Iorque! Você não estava no apartamento da Elizinha, no jantar para o rei da Grécia?
- Estive.
- Então está desvendado o mistério! Foi lá que nos conhecemos.
- Espere um pouquinho. Agora estou me lembrando. Não era para o rei da Grécia. Era para o rei da Turquia. Outra festa.
- A Turquia, que eu saiba, não tem rei.
- É um clandestino. Ele fundou um governo no exílio: 24º andar do Olympic Tower. É o único apartamento de Nova Iorque que tem cabritos pastando no tapete.
- Espere! Já sei. Matei. Saint-Mortz. Inverno de...
- 79?
- Isso.
- Então não era eu. Estive lá em 78.
- Então foi 78.
- Não pode ter sido. Eu estava incógnita. Esquiava com uma máscara. Não falei com ninguém.
- então era você a esquiadora mascarada! Diziam que era a Farah Diba.
- Era eu mesma.
- Meu Deus, onde foi que nos encontramos, então?
- Londres lhe diz alguma coisa?
- Londres, Londres...
- A casa de Lady Asquith, em Mayfair?
- A querida Lady Asquith. Conheço bem. Mas nunca estive na sua casa da cidade. Só na sua casa de campo.
- Em Devonshire?
- Não é Hamptonshire?
- Pode ser. Sempre confundo os shires.
- Se não foi em Londres, então... Onde?
- Precisamos descobrir. Hoje eu não durmo sem descobrir onde nos conhecemos.
- No meu apartamento ou no seu?

- Mmmm. Foi ótimo.
 - Para mim também.
 - Quer um cigarro?
 - Tem galoise? Depois de morar em Paris, não me acostumo com outro.
 - Diga a verdade. Você alguma vez morou em Paris?
 - Minha querida! Tenho uma suíte reservada no Plaza Athenee.
 - A verdade...
 - Está bem, não é uma suíte. Um quarto.
 - Confesse. Era tudo mentira.
 - Como é que você descobriu?
 - O conde de Farci D' Amieu. Não existe. Eu inventei o nome.
 - Se você sabia que eu estava mentindo, então por que...
 - Porque gostei de você. Se você tivesse chegado e dito “Topas?” eu teria respondido “Topo”.
- De onde você tirou tudo aquilo? Hotel Negresco, Saint-Moritz.
- Não perco a coluna do Zózimo. Vi você e pensei, com aquela ali a cantada é noutra nível.
- Agora, me diga uma coisa.
- O quê?
 - Você esquiava mesmo de máscara em Saint-Moritz?
 - Nunca esquiei na minha vida. Nunca saí do Brasil. Eu não conheço nem a Bahia.
 - Eu sei que você vai rir, mas...
 - O quê?
 - Eu conheço você de algum lugar mesmo.
 - Guarapari. Há três anos. Mamãe foi fazer um tratamento de lodo. Nos conhecemos na praia.
 - Mas claro! Agora me lembro. Não reconheci você sem o maiô.
 - Você quer o cigarro, afinal?
 - Que marca tem?
 - Oliú.
 - Manda.

Anexo D

Crônica “Siglas” de Luís Fernando Veríssimo em Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva:2001, págs.135 – 137.

- Bota aí: “P”
- “P”?
- de “Partido”.
- Ah.
- Nossa proposta qual é? De união, certo? Acho que a palavra “União” deve constar do nome.
- Certo. Partido de União...
- Mobilizadora!
- Boa! Dá a idéia de ação, de congraçamento dinâmico. Partido da União Mobilizadora. Como é que fica a sigla?
- PUM.
- Não sei não...

- é. Vamos tentar outro. Deixa ver. “P”...
- “P” é tranqüilo.
- Acho que “Social” tem que constar.
- Claro. Partido social...
- Trabalhista?
- Fica PST. Não dá.
- É. Iam acabar nos chamando de “Ei, você”.
- E mesmo “trabalhista”, não sei. Alguém aqui é trabalhista?
- Isso é o de menos. Vamos ver. “P”...
- É. O “P” atrapalha. Bota “A”, de Aliança. Aliança Inovadora...
- AI.
- Que foi?
- Não. A sigla. Fica AI.
- Espera. Eu ainda não terminei. Aliança Inovadora... de Arregimentação Institucional.
- AIAI... Sei não.
- É. Pode ser mal interpretado.
- Vanguarda Conservadora?
- Você enlouqueceu? Fica VC.
- Aliança Republicana de renovação do Estado.
- ARRE!
- O quê?
- Calma.
- Espera aí, pessoal. Quem sabe a gente define a posição ideológica do partido antes de pensar na sigla? Qual é, exatamente, a nossa posição?
- Bom, eu diria que estamos entre a centro-esquerda e a centro-direita.
- Então é no centro.
- Também não vamos ser radicais...
- Nós somos a favor da reforma agrária?
- Somos, desde que não toquem na terra.
- Aceitaremos qualquer coalizão partidária para impedir a propagação do comunismo no Brasil.
- Inclusive com o PCB e o PC do B?
- Claro.
- Não devemos ter medo de acordos e alianças. Afinal, um partido faz pactos políticos por uma razão mais alta.
- Exato. A de chegar ao poder e esquecer os pactos que fez.
- Partido Ecumênico Republicano Unido.
- PERU?
- Movimento Institucionalista Alerta e e Unido.
- MIAU?
- Que tal KIM?
- O que significa?
- Nada, eu só acho o nome bonito.
- MUMU. Movimento Ufanista Mobilização e União.

- MMM... Movimento Moderador Monarquista.
- Mas nós somos republicanos.
- Eu sei. Mas por uma boa sigla a gente muda.
- TCHAU.
- Hum, boa. Trabalho e Capital em Harmonia com Amor e União?
- Não, é tchau mesmo.
- Aonde é que você vai?
- Abrir uma dissidência.